

# **Redes de solidariedade e práticas de resistência através de interações *online* e *offline* no cotidiano de familiares de mulheres encarceradas<sup>1</sup>**

Alana Barros Santos (UNICAMP/Brasil)

## ***Resumo***

Diversos trabalhos e materiais têm demonstrado a relevância das redes sociais *online* como mediadoras e produtoras de vínculos entre pessoas que convivem nos arredores das prisões. Este *paper* é parte da minha pesquisa de doutorado, que se propõe avançar no campo dos estudos prisionais ao olhar etnograficamente para o contexto da Penitenciária Feminina alagoana buscando compreender quais as estratégias que são produzidas pelos familiares e as mulheres encarceradas na relação com a prisão. Refletindo sobre os usos das tecnologias de comunicação, a presente pesquisa propõe analisar, ainda, como as redes sociais e os celulares têm sido articuladores das possibilidades de contato, bem como das formas de organização e de resistência entre esses sujeitos. O principal objetivo é analisar como são produzidas as relações no grupo de *WhatsApp* de familiares das mulheres encarceradas e como, através dessa comunidade *online*, são tecidas redes de solidariedade e organização em prol da defesa de suas parentes em práticas *offline*. A pesquisa está se desenvolvendo por meio de trabalho etnográfico; registros de campo escritos, em áudios e imagens feitos no acompanhamento do grupo de *WhatsApp* de familiares de presas e mulheres egressas do Sistema Prisional em Alagoas.

## ***Introdução***

*Nas primeiras horas de uma manhã de quarta-feira em julho de 2021, ao desbloquear o celular para verificar as notificações de mensagens no WhatsApp, vejo que o grupo “Guerreiros e Guerreiras da Fé” já estava movimentado com as trocas de áudios. O motivo era o novo comunicado feito por uma funcionária do presídio feminino: as famílias das mulheres encarceradas seriam autorizadas pela gestão do Sistema Prisional a levar novos objetos para as suas parentes encarceradas na penitenciária Santa Luzia até a sexta-feira daquela semana. Seriam permitidos tintura de cabelo preta, casaco branco sem botão (por conta do inverno), um secador e uma chapinha para servir a todas as mulheres do módulo 1 e 2, extensão e produtos para selagem no cabelo. Como*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

*a notícia surgiu após o dia de entrega da feira<sup>2</sup> (que estavam ocorrendo uma vez por mês em decorrência da pandemia), alguns familiares que não moravam em Maceió passaram a se preocupar com a informação de última hora e como fariam o trajeto de entrega dos materiais fora da agenda de visitas familiares. No grupo, há pessoas que moram em Recife, São Miguel dos Campos, Ibateguara, Penedo, entre outros municípios. O custeio de passagens até a penitenciária Santa Luzia pode ficar entre 30 e 200 reais por dia. Além disso, a maioria depende de uma rotina de trabalho que não os permite se ausentar durante a semana. Após os pedidos de ajuda de familiares que não moravam na capital alagoana, algumas mulheres se dispuseram a ajudar as famílias que residiam em outros municípios e estados. Kátia, fez o trajeto até o centro da cidade algumas vezes para comprar as encomendas que as famílias foram pedindo para ela através do WhatsApp. Jane, que reside próximo à penitenciária, se ofereceu para levar as mercadorias de quem não poderia se deslocar até a Cidade Universitária na sexta-feira pela manhã. No decorrer dos dias, o assunto principal no grupo girou em torno das aquisições desses objetos: onde comprar mais barato; a maneira de marcar as roupas e as encomendas com os nomes e celas das mulheres; quem levaria até o presídio; quais as quantidades e embalagens dos produtos que eram autorizadas, dentre outras muitas dúvidas e acertos. As famílias, através do grupo, se apoiaram e construíram caminhos solidários para suprir suas familiares presas, apesar da instabilidade na produção das informações e normativas instauradas na prisão feminina.*

No início de abril de 2021, fui adicionada ao grupo de WhatsApp<sup>3</sup> “Guerreiros e Guerreiras da Fé”, composto por familiares de mulheres encarceradas na Penitenciária Feminina Santa Luzia através de uma das mães, Kátia<sup>4</sup>, conhecida por ser uma “liderança” entre as famílias do sistema prisional em Alagoas. Mesmo com sua filha em *liberdade*, Kátia, mulher negra e empregada doméstica, continua alimentando a rede *online* de

---

<sup>2</sup> O termo “feira” significa os alimentos, materiais de higiene e limpeza que a gestão do sistema prisional permite que as famílias levem para as suas parentes encarceradas.

<sup>3</sup> Ao entrar no grupo me apresentei, por mensagem de texto e por áudio. Falei sobre minha trajetória, meu processo de formação e a pesquisa de doutorado. Fui recebida por membros do grupo com mensagens de boas-vindas e perguntas mais específicas sobre o que eu pretendia fazer com a pesquisa. Percebi que fui confundida, em alguns momentos, como uma possível assistente social ou funcionária do Sistema. Os familiares me pareceram ansiosos por essas explicações na expectativa que eu também os ajudasse na comunicação entre eles/elas e as mulheres presas. Foi preciso que eu explicasse mais de uma vez qual era meu trabalho, o que eu pretendia fazer e explicitar de maneira mais enfática de que forma eu poderia ajudá-los ou não. Certamente, tais apresentações e explicações irão ser reiteradas durante todo o período de pesquisa.

<sup>4</sup> Substituirei os nomes reais por fictícios para preservar a identidade das/dos meus/ minhas interlocutoras/interlocutoras. Cheguei até o contato de Kátia através de um amigo psicólogo que trabalhava em uma ONG organizada em torno da defesa dos direitos humanos da população prisional.

comunicação que ela mesma criou para responder uma demanda que antes fora sua e agora é vivenciada por outros homens e mulheres que se conheceram nos portões da prisão.



*Figura 1 Fotografia da frente do Presídio Feminino de Alagoas.*

Passei a acompanhar dia e noite a rotina de comunicação que movimenta o grupo, feita através das trocas de áudios, regra estabelecida entre os membros para incluir as pessoas que não sabem ler e/ou escrever. No grupo estão adicionadas uma média de 80 pessoas, familiares de mulheres que estão cumprindo suas penas ou esperando julgamento, algumas estão presas a dois/três anos, outras há poucos meses. Por isso o fluxo de informações é constante. Quem já tem experiência de acompanhar a rotina da prisão há mais tempo ensina para os familiares que foram adicionados recentemente ao grupo. Nas trocas de mensagens, também é comum os questionamentos sobre como enviar cartas ao sistema, qual o número de contato da assistente social, qual o dia de fazer o cadastro das visitas, dentre outras indagações.

Da mesma maneira, o grupo também funciona como um espaço para desabafo sobre as dificuldades na relação com os/as advogados/as, a demora de respostas do judiciário ou as péssimas condições de habitação, alimentação e saúde que suas parentes enfrentam dentro da prisão.

Elas estão fracas ali dentro, sem uma vitamina C, sem uma vitamina D. Mal toma um banho de sol, fracas sem se alimentar direito, as vezes não come nem um feijão. Se pegar uma gripezinha, pronto, já era, é coronavírus<sup>5</sup>.

As condições de sobrevivência dentro do Sistema Prisional, que já eram desafiadoras antes da pandemia da COVID-19, nesse momento se apresentam ainda mais

---

<sup>5</sup> Desabafo de uma das mães no grupo do WhatsApp.

problemáticas e angustiantes. Até o final de maio de 2021 as famílias estavam sem visitas presenciais, sem poder levar a *feira* e com pouquíssimas informações sobre o estado de saúde de suas familiares presas. Não se comunicavam por vídeo chamada ou ligação. O raro contato que se tinha era através de cartas e não era fácil de enviar e receber respostas. O grupo de *WhatsApp* também se tornou palco das mobilizações em torno das precariedades da penitenciária feminina. Nadja, umas das mães que aguardava o julgamento de sua filha há mais de um ano, enviou um áudio convocatório do grupo no dia 06 de abril de 2021:

A gente faz protesto pelo menos pra feira entrar. Todo mundo se junta e corre pra porta do Sistema e diz: “a gente tá fazendo protesto pra feira entrar”, quando a reportagem chegar. É assim que faz, bora se juntar todo mundo.

Ao acompanhar o fluxo de comunicações e diálogos que cotidianamente circulam através do grupo, passei a perceber como a experiência do encarceramento impacta a vida das mulheres encarceradas e seus familiares que estão inseridos em “processos de precarização da vida” (Butler, 2018), geralmente induzidos e reproduzidos pelas próprias instituições estatais, como por exemplo, o Sistema de justiça, as polícias, o judiciário e a gestão do Sistema Prisional. Butler (2018) define como esses processos adaptam populações, com o passar do tempo, à insegurança e à desesperança. Esses sentimentos estiveram presentes nos relatos de uma das mães, que me enviou a seguinte mensagem de áudio:

Ficam jogando spray de pimenta nas celas, teve uma delas que até internada foi com a garganta e o nariz na carne viva (...) isso é desumano, gente. Eu disse pra minha filha que a parti de hoje eu ia começar as novas denúncias sobre isso aí, eu não vou me calar. Mesmo quando a minha filha saí dali eu não vou parar por aí, eu vou continuar (...) sobre o alimento é igual, horrível, que nem um cachorro come as comidas.

As narrativas que representam a indignação e a insegurança frente às condições precárias de sobrevivência dentro dos muros da prisão, parecem estar associadas às respostas que buscam meios de resolução dessas demandas, por exemplo, através do protesto e da denúncia, ou seja, do ato de “não se calar”. Segunda a antropóloga Natália Lago (2019), a prisão é produtora das tensões que atravessam os caminhos dessas mulheres, assim como também é parte constitutiva das ferramentas mobilizadas por elas para deslizar entre tensões e perseguir seus projetos de vida. (LAGO, 2019). Em concordância, enxergo a prisão como um campo alargado que concebe múltiplos limites físicos e possibilidades de agência. Por isso, me interesse por analisar as redes de

solidariedade tecidas entre as mulheres presas e os seus familiares, que possibilitam um fluxo constante de informações, cuidados, objetos e pessoas.

Quando me proponho a falar sobre as experiências compartilhadas por familiares de pessoas encarceradas, sejam elas através de interações *on* ou *offline*, não tenho como objetivo caracterizá-las como se fossem todas iguais ou semelhantes em suas complexidades. Observar o grupo é sobretudo um exercício de compreender quais são as experiências individuais e coletivas que atravessam esses sujeitos nos seus lugares permeáveis e ambíguos atravessando as muralhas da prisão (Ricordeau,2012). Segundo Natália Padovani (2020), para compreender a prisão e as políticas penitenciárias é necessário ouvir de maneira qualificada as falas sobre as cadeias que cada pessoa experienciou para entender de fato cada um de seus processos de encarceramento. Por mais que as vivências no cárcere possam se aproximar em relação aos desafios enfrentados, há camadas de experiências que são demarcadas pela diferenciação racial, territorial, geracional e sexual dos corpos que são colocados em intensa relação no espaço que as une, a prisão.

O grupo “Guerreiros e Guerreiras Fé”, na diversidade de mulheres e homens vinculados por distintos graus de parentescos com pessoas encarceradas na penitenciária feminina, parece funcionar como uma rede de solidariedade e apoio entre familiares e mulheres egressas, um espaço para desabaços, orações, troca de informações e mobilizações em torno das demandas geradas pela gestão da Penitenciária Feminina. A partir do contato com esse grupo de familiares e a aproximação com o contexto do Sistema Prisional Feminino em Alagoas, este artigo se propõe analisar como são produzidas as relações no grupo de *WhatsApp* de familiares das mulheres encarceradas e como, através dessa comunidade *online*, são tecidas redes de solidariedade e organização em prol da defesa de suas parentes em práticas *offline*.

### ***A Penitenciária Feminina Santa Luzia como mediadora de vínculos socioafetivos: as relações tecidas através de interações online e offline.***

*Sábado, dia 11 de junho de 2022, a primeira mensagem no grupo foi enviada às 05h44min da manhã. Uma imagem com cores em tons de amarelo claro e cinza com um ramo de plantas verdes amarradas por um laço de fita da mesma cor, que tinha escrito a seguinte frase: “Bom dia! Espalhe boas palavras, tenha boas atitudes e dê o seu melhor sempre. Isso agrada a Deus e faz o bem à alma também”.*

*A mensagem foi enviada por Rosa, que é alagoana, mas mora há 20 anos no interior da Bahia, sua filha está presa no EPSL<sup>6</sup> há quase dois anos. Durante esse período, Rosa não teve condições de ir visitar a filha com frequência em Maceió, foi através de pessoas do grupo que conseguiu enviar a feira para ela algumas vezes.*

*Naquele sábado aconteceu a visita social, após mais algumas trocas de imagens e figurinhas de “bom dia” relacionadas a mensagens religiosas, a conversa começou a ser sobre as entradas e saídas do presídio: “gente, bom dia! Podemos levar talher?”, “aquela moça que fica com as nossas coisas vai hoje?”. Katia, com sua experiência e conhecimentos em torno da rotina de visitas ao sistema prisional, enviou outro áudio dizendo que sempre tem outras pessoas na pista paralela a recepção do presídio disponíveis para guardar os pertences dos familiares, enquanto acontecem as visitas. “Leve só a sua passagem de volta, a chave da sua casa e leve um papelzinho com seu nome anotado dentro da sacola”.*

*Aquele dia tinha amanhecido chuvoso, como a maioria das manhãs de inverno em Maceió. Lurdes, que há cinco anos vai para os dias de visita na penitenciária Santa Luzia guardar os pertences dos familiares, cobra 10 reais pelo serviço. Lurdes costuma cobrar um valor mais barato do que as mulheres que guardam bolsas na porta do presídio masculino. Seu turno de espera geralmente é das 8h00 até as 16h00. O dinheiro ajuda na sua renda familiar, que também é complementada com a venda de doces e salgados comercializados na fila de espera. O serviço de Lurdes ajuda os familiares que precisam levar suas bolsas ou até mesmo suas chaves de casa, guarda-chuva, a passagem de ônibus, itens que não são permitidos passar pelos checkpoints da prisão, mas são fundamentais para a mobilidade dos visitantes.*

*Na terça-feira anterior àquele sábado o secretário do Sistema decretou que “ninguém poderia mais ficar olhando bolsas e vendendo lanches” na guarita que antecede a entrada no presídio, segundo Lurdes, “porque eles não estavam satisfeitos com esse movimento”. As pessoas que costumavam acompanhar os dias de visita na intenção de oferecer os seus serviços deveriam ficar apenas do lado de fora, o que significava esperar ao lado da avenida, lugar onde não tem nenhuma cobertura ou lugar para se sentar, apenas um canteiro que divide os dois lados da pista e possui algumas árvores.*

---

<sup>6</sup> Estabelecimento Prisional Santa Luzia.

*Esse decreto dificultou a dinâmica daquele dia de visita, porque no período chuvoso não haveria espaço minimamente adequado para “as meninas” que guardam as bolsas e vendem lanches esperarem a saída das famílias visitantes. Lurdes, então, comunicou ao grupo que não iria naquele sábado. O que causou descontentamento e mensagens de preocupação no grupo.*

Nas pesquisas mais recentes sobre sistema prisional, encarceramento e relações familiares a dimensão das interações *online* e *offline* tem tomado uma relevância cada vez mais significativa. A mediação dos vínculos através das trocas estabelecidas via celular e redes sociais parece ter ampliado as formas de comunicação e organização entre os familiares de pessoas privadas de liberdade. Barcinski, Lermen, Campani, Altenbernd (2014), na pesquisa realizada com uma rede virtual de apoio aos familiares de pessoas privadas de liberdade, observaram que as trocas efetuadas entre os participantes tinham como objetivo suprir diversas demandas dos familiares, tais como as de apoio emocional, jurídico e material. As autoras constataram que a referida “comunidade virtual” refletia “a fragilidade das redes de apoio das famílias de pessoas privadas da liberdade, o potencial criativo e as possibilidades de superação das dificuldades encontradas no contexto carcerário” (BARCINSKI, LERMEN, CAMPANI, ALTENBERND, 2014, p.929).

Tal perspectiva etnográfica permite indagar outras formas de mediação das relações por meio da tecnologia, que não as já analisadas por Larissa Pelúcio e Richard Miskolci (2017). Se por um lado os autores demonstram uma concepção pessimista sobre tais mediações por meio de aplicativos de relacionamento, a etnografia com grupos de familiares possibilita pensar como essas tecnologias abrem espaço para outras formas de agência e resistência.

Compartilho das reflexões tecidas por Nascimento (2021), em sua pesquisa com pessoas presas e policiais penais no fora/dentro das prisões no Ceará, ao refletir sobre os “grupos de comunicação instantânea” (*WhatsApp*) como espaços de constante interlocução envolvidos por relações de intimidades e afetos, que se tornam uma extensão da prisão na vida tanto de profissionais (no caso dos policiais penais) como de quem está experienciando o encarceramento (mulheres presas e seus familiares). “Esse aplicativo não é apenas um meio de comunicação onde emergem as problemáticas cotidianas da prisão, mas é também um canal de interlocução expressivo para a formação de laços de grupo, onde se pode verbalizar o que não se tem espaço na instituição” (Nascimento, p.

60, 2021). O grupo “guerreiros e guerreiras” se configura como um espaço comum de interação e comunicação dos familiares que conecta a casa, a rua e a prisão.

Através dessa imersão etnográfica também proponho aprofundar as questões levantadas pela agenda de estudos sobre gênero, prisão e ativismos, assim como desdobrar os efeitos causados pelo uso cada vez mais expressivo das trocas estabelecidas via *online*, por exemplo, através dos grupos de *WhatsApp* no cotidiano das relações entre familiares de pessoas privadas de liberdade.

Segundo Iara Beleli (2017), a Internet tem permitido o estabelecimento de redes que aprofundaram os contatos na esfera da intimidade, iniciada através do desenvolvimento das “interfaces sociotécnicas”. As transformações relacionadas ao uso individualizado dos equipamentos de comunicação digital estão associadas a ampliação e a politização da vida privada (BELELI, 2017).

O interesse por aprofundar a compreensão sobre as interações *online* está diretamente associado à maneira que as relações *offline* são constituídas. Compreendo que as duas dimensões se retroalimentam. Assim como nos alertou Miller (2004):

Deve ficar claro que o compromisso etnográfico de “colocar as coisas no contexto” precisa evitar o perigo de reificar o objeto tanto quanto evitar o perigo de produzir um contexto reificado analiticamente. Isso significa desagregar “a Internet” na profusão de processos, usos e “tecnologias” sociais que ela pode compor em diferentes relações sociais ao invés de considerá-la como um “objeto” único com propriedades inerentes que podem, no máximo, ser expressos de formas variadas em diferentes contextos. Novamente, esse assunto transcende a distinção entre online e off-line (...) diferentes circunscrições do objeto e do contexto surgem através dos seus inter-relacionamentos observados. (Miller, 2004, p. 46).

Isso significa dizer que compreende-se as tramas afetivas e as redes de solidariedade entre as fronteiras da Penitenciária Feminina de Alagoas, através das trocas estabelecidas nos grupos de *WhatsApp*, nos dias de visitas familiares e de entrega de *feiras*, na relação com o espaço físico da prisão e com o cotidiano doméstico das famílias que acompanham parentes encarceradas, ou seja, a partir desses espaços inter-relacionados.

### ***Quando “a vida da gente começou a andar na porta do Sistema”***

No dia 12 de março de 2022, após algumas trocas de imagens e mensagens de “bom dia”, iniciou-se no grupo mais um diálogo em torno das dúvidas sobre os dias de visita familiar daquele mês. Lurdes, que acompanhou sua irmã encarcerada durante alguns anos, enviou uma mensagem de áudio:

Quando a minha irmã estava presa eu fiquei 6 meses sem levar feira e sem visitar. Um dia eu fui na sexta, me disseram que era no sábado. No sábado eu fui pra levar a feira e não tinha nada. Aí disseram que era no domingo, no domingo vem eu de novo, quando eu cheguei ali no meio do caminho eu me ajoelhei e disse – meu Deus eu não acredito, eu não aguento mais isso, chorando sem saber como ela tava, imaginando que era aquelas coisa que a gente ver de televisão. Resumindo a história, quando foi num final de semana eu disse pra minha irmã – eu não vou mais, minha irmã, eu não tenho condições de ir, eu vou dar viagem perdida. A minha irmã disse - me dê a feira que eu vou. A gente já tinha feito outra feira, que aquela não prestava mais, disseram que entrava refrigerante, bolacha, aquelas caixinha de água de coco, umas coisa que não tinha nada a ver. Tudo isso a gente comprou, gastamos um horror na feira dela, nada entrou. Resumindo, um dia a minha irmã foi e encontrou com uma filha de Deus, uma abençoada de Jesus, que foi quem criou esse grupo que a gente está hoje. Ela viu a minha irmã, chegou logo junto, porque quando chegava uma novata ela ia logo pra perto saber, indicar tudo, disse a minha irmã como era, disse pra minha irmã que não era dia de feira, nesse dia era dia de visita, disse a data que a feira da minha irmã entrava, olhou a feira e disse que não era aquelas coisas, o que entrava era outra. E eu sei que resumindo, depois que a gente encontrou a Kátia foi que a vida da gente começou a andar na porta no Sistema, porque todos, de cadastro, de seja lá de quem for que trabalha ali só botava a gente pra trás, minha gente. Esse grupo que a Kátia criou foi tudo de bom, porque se não vocês iam ver o que é difícil você sem saber de nada.

O áudio da Lurdes foi mais um em que ouvi o testemunho da importância da Kátia e do grupo de *WhatsApp* durante o acompanhamento da familiar encarcerada. As dificuldades de acesso às burocracias do Sistema Prisional me parecem fazer parte da instabilidade de suas produções. As famílias recorrentemente reclamam sobre a constante mudança no que é “permitido” ou não de acessar os portões da prisão. A relação entre os policiais penais e os familiares são permeadas por nebulosas interações. O comportamento, vestimenta ou alimento/objeto que pode gerar um transtorno ou até mesmo o impedimento da visita, é incerto e variável.

As famílias, do lado de fora, tentam estabelecer comunicações com funcionários do Sistema, por vezes frustradas, para entender o que se passa dentro da penitenciária. Através do grupo de *WhatsApp*, percebo que há muitos entraves na obtenção de informações quando uma pessoa é presa. A família não sabe como fazer o cadastro de visita, em qual módulo e cela está sua parente, o que é permitido ou não incluir na feira mensal, a quem deve solicitar informações etc. Essa burocracia que se apresenta de maneira descontínua e imprevisível, confunde e dificulta o cotidiano de quem tem um familiar encarcerado. Os dias de visita e entregas de feira, exigem um deslocamento que envolve tempo, dinheiro e organização na vida das pessoas. Por isso, a falta de comunicação ou informações mais sólidas sobre as questões apontadas acima são essenciais.

Me parece que o grupo “Guerreiros e Guerreiras”, funciona como uma rede de solidariedade e cuidado entre familiares e mulheres egressas, um espaço para desabafos, orações, troca de informações e mobilizações em torno das demandas geradas pela gestão da Penitenciária Feminina. Mariléa de Almeida (2018) ao discutir sobre espaço, afeto e corpo nas práticas femininas quilombolas contemporâneas, argumentou que os contextos de violências e violações que poderia conduzir as mulheres negras ao “abatimento” tem sido ressignificado. Essa interpretação me levou a olhar para as redes de solidariedade tecidas no grupo “Guerreiros e Guerreiras” através de suas práticas de cuidado, da transmissão de saberes, da religiosidade e dos afetos (Almeida, 2018), como artifícios para lidar com os dilemas enfrentados no dentro e fora da prisão.

\*\*\*

Para aprofundar a apresentação sobre o grupo de *WhatsApp* “Guerreiros e guerreiras”, torna-se necessário conhecer a Penitenciária Feminina de Alagoas e as mulheres que estão em privação de liberdade. No último boletim divulgado pela SERIS/AL (Secretaria de Estado de Ressocialização e Inclusão Social) em junho de 2022 haviam 141 mulheres encarceradas na Penitenciária feminina Santa Luzia, entre condenadas e provisórias. Alagoas possui apenas uma unidade prisional para mulheres, situada na capital Maceió. É, portanto, nessa prisão onde estão reclusas todas aquelas que foram apreendidas no Estado, além de algumas mulheres que estão cumprindo suas penas em Alagoas. Dessa forma, no grupo de familiares estão inseridas pessoas de vários municípios e de outros Estados que enfrentam as jornadas de visitas<sup>7</sup> para acompanhar suas parentes presas.

A partir do grupo de *WhatsApp* acompanho a interlocução com os homens e mulheres que passam a compartilhar da trajetória de encarceramento de suas familiares. A partir do grupo também é possível tecer interlocução com mulheres egressas do Sistema. A pesquisa realizada através de redes sociais *online*, por exemplo, no *WhatsApp*, me exige um rigor ético e metodológico tanto no recolhimento dos dados, como no processo de análise. A luz das produções do campo da “antropologia digital” (Lins, Parreiras e Freitas, 2020), produzo as reflexões sobre as relações de pesquisa *online* e *offline* a partir “dos modos como os sujeitos dão sentido às suas práticas, aos seus usos e às relações que estabelecem” (Lins, Parreiras e Freitas, 2020, p. 3) com a internet e seus

---

<sup>7</sup> Atualmente, em razão da pandemia da covid-19, as visitas familiares e entregas de feiras acontecem apenas duas vezes no mês. Diferente do período anterior a pandemia que as visitas aconteciam semanalmente.

dispositivos móveis. Desta forma, as autoras argumentam que a internet “é campo, é contexto e é ferramenta de pesquisa, composta pelas muitas relações que se desenvolvem nela e a partir dela” (Lins, Parreiras e Freitas, 2020, p. 6).

A abordagem que busco explorar nessa construção etnográfica acompanha as reflexões de Christine Hine (2020), em que a etnografia para a Internet pode ter como objetivo seguir conexões e não um “local específico”, se beneficiando do seu caráter inventivo e aberto no sentido mais amplo do campo de pesquisa. Hine (2020) nos propõe compreender a pesquisa feita na e para Internet como “incorporada, corporificada e cotidiana”.

De fato, a Internet e o digital não estão disponíveis para nós em qualquer sentido transcendente, mas emergem na prática, na medida em que são percebidos a partir de combinações particulares de dispositivos, pessoas e circunstâncias (RUPPERT et al 2013). Se a Internet emerge na prática, ela é também potencialmente múltipla (DE LAET; MOL, 2000; MOL 2002) e não se resolve a partir de um conjunto singular de implicações. A etnografia para a Internet não precisa assumir que há uma única Internet conhecível por aí - ao invés disso, busca entender a particularidade e a especificidade dos engajamentos com a Internet como um componente da vida cotidiana. (HINE, p. 12, 2020)

Portanto, a construção desse campo de pesquisa *on* e *offline* tem se desenhado a partir do interesse sobre a maneira que as pessoas inseridas no grupo “Guerreiros e Guerreiras” compreendem, articulam e referenciam essa rede de comunicação através da Internet nos seus cotidianos, na forma que essa ferramenta impactou as trajetórias de encarceramento que envolvem mulheres presas e seus parentes.

Através dos familiares, busco analisar as relações que são representadas como “vasos comunicantes” que alimentam os fluxos entre o “dentro e o fora” da prisão, termo cunhado por Rafael Godói (2015). O autor defende que os vasos colocam em contato e comunicação dois “mundos”, que são atravessados por bloqueios: “neles, são demandadas múltiplas negociações, poderes e disputas que operam a diferenciação entre o que entra e sai o que é permitido ou proibido, facilitando ou dificultando acessos, registrando as passagens e estabelecendo destinações” (GODÓI, 2015, p.136).

Bruna Bumachar (2016), tomou de empréstimo a noção de “vasos comunicantes” cunhado por Godói (2010, 2015) para explorar o que chama de “permeabilidade seletiva” dos muros e as diferenças entre o “dentro e o fora”, os “interiores e exteriores da prisão das quais os vasos são produtos e produtores”. Bumachar (2016) argumenta como as fronteiras prisionais e transnacionais, quando atravessadas por “corpos, cartas, documentos, fotografias, dinheiro, e-mails, bens e telefonemas, esquadrinham presas e prisão, fazendo-as emergir como produto e produtoras de “linhas de fluxo e de

atravessamento”” (BUMACHAR, 2016: 59). As reflexões tecidas por Bumachar (2016) me orientam a observar os vínculos que atravessam as fronteiras prisionais através dos laços familiares, caracterizados nas relações entre pessoas, informações e objetos, tornando a materialidades dos fluxos de cartas, feiras, fotografias etc. partes constituintes dos afetos entremuros que circulam no cotidiano da penitenciária feminina.

Tenho enxergado as relações tecidas através dessa comunidade *online* como espaço de acolhimento das lutas e desafios que as famílias compartilham no acompanhamento das trajetórias de encarceramentos das suas familiares presas. Pretendo acompanhar esse grupo de familiares para compreender as práticas de resistência, as redes de organização e as trocas de informações que transbordam os muros da prisão. Pensando nas relações que são construídas por entre as fronteiras da Penitenciária Santa Luzia.

#### **Referências bibliográficas:**

BARCINSKI, M., LERMEN, H. S., CAMPANI, C., ALTENBERD, B. Guerreiras do Cárcere: Uma Rede Virtual de Apoio aos Familiares de Pessoas Privadas de Liberdade. **Temas em Psicologia**, Vol. 22, nº 4, 929-940, 2014.

BELELI, Iara. Reconfigurações da intimidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 25(1): 422, janeiro-abril/2017. Disponível em:  
<http://dx.doi.org/10.1590/18069584.2017v25n1p337>

LINS, Beatriz; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Elaine. **Dossiê Estratégias para pensar o digital**. Cadernos de Campo (São Paulo, online), vol. 29, n.2, p.1-10, USP, 2020.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Gêneros, sexualidades e mídias contemporâneas: do pessoal ao político. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25(1), p. 263-268, janeiro-abril/2017

MILLER, Daniel; SLATER, Don. ETNOGRAFIA ON E OFF-LINE: CIBERCAFÉS EM TRINIDAD. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004

NASCIMENTO, Francisco Elionardo de Melo. **FRONTEIRAS DE GUERRA: GESTÃO DA VIDA E PROCESSOS DE ESTADO NAS FRONTEIRAS ENTRE POLICIAIS PENAIS E PRESOS**. 2021. 334f. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Estudos Sociais Aplicadas, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021.

PADOVANI, Natália Corazza. Nós Por Nós: Teias de solidariedade, políticas de desencarceramento e abolicionismo penal no mundão em pandemia. **DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**. Reflexões na Pandemia 2020, pp. 1-17. Rio de Janeiro 2020.